

Mau Português começa na alfabetização

JOAQUIM DE CARVALHO



Muitas das crianças que hoje são reprovadas com o rótulo de "deficientes em alfabetização" podem esconder dentro de si um bom domínio da linguagem. Esses alunos, que por vezes não conseguem juntar vogais às consoantes e escrevem ve quando se referem à vaca, são geralmente considerados casos irreversíveis de analfabetismo. No entanto, poderiam ser redatores talentosos, caso seus professores fossem mais bem preparados e conhecessem o processo de desenvolvimento da escrita.

Segundo alguns especialistas, a razão dos altos índices de reprovação e de evasão escolar nas primeiras séries e do progressivo fracasso do ensino de Português não reside na incapacidade dos alunos. Eles acreditam que a falha é do modelo pelo qual a escola participa da introdução da criança no mundo das letras. "Não se trata de caso simples e é cômodo acusar a escola pelos males do mundo", garante a pedagoga Telma Weiz, especialista em cursos de capacitação de professores. "A escola, na verdade, não sabe que o

modelo tradicional de alfabetização não funciona."

Para Telma, o ensino das cartilhas fragmenta a linguagem escrita e está apoiado nos conhecimentos dos adultos. "Uma pessoa alfabetizada sabe que juntando a letra B com a letra A se produz o som BÂ, mas para a criança isso é muito difícil de ser compreendido", analisa. O BÂ tem duas letras e um único som, e é nessa diferença que se encontra a dificuldade de aprendizado. "Nosso alfabeto é fonético e

Linguístas condenam uso da cartilha e repetição monótona de palavras e frases

não silábico", explica Telma. "É preciso juntar letras para produzir um som; um adulto sabe disso, mas, para a criança, trata-se de algo sem sentido."

Como nenhum professor explica o funcionamento da língua portuguesa — e nem deveria tentar executar tal tarefa, pois não seria compreendido —, a criança passa a aprender a linguagem como uma enfaçonada repetição de palavras e frases. "Não há nada mais imbecil do que escrever 'O bebê baba na babá', como ensinam as cartilhas", interpreta Mei-

re Graça Mattos, técnica de alfabetização da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp), o órgão da Secretaria Estadual de Educação que se esforça para convencer professores da rede pública a esquecer as cartilhas e seguir um novo modelo pedagógico.

Se não deve explicar complexas teorias lingüísticas aos seus alunos, isso não significa que o professor tenha de cruzar os braços diante da criança que engatinha no registro das palavras. A proposta de alfabetização da Cenp, contida numa apostila de 127 páginas intitulada *Uma nova Concepção de Trabalho Pedagógico*, defende o uso de jornais, revistas e livros na alfabetização. Recomenda a presença de muitos cartazes nas salas de aula e uma nova disposição das carteiras, para facilitar o contato entre os estudantes, fundamental nesse método.

As sugestões da Cenp se baseiam em estudos recentes de pedagogia — o trabalho mais conhecido é o da mexicana

Emília Ferreiro. Em algumas escolas particulares, como a Lourenço Castanho, em São Paulo, o uso de uma nova pedagogia deu bons resultados. "Os alunos produzem textos maravilhosos", garante Silvia Gouveia, diretora do colégio.

Em determinadas escolas públicas, onde essa filosofia foi bem compreendida, o modelo também tem dado certo. Ao final do primeiro ano do primeiro grau de uma escola da periferia de São Paulo, a professora Silvana de Oliveira Azevedo afixou na lousa a fotografia de um litro de vinho Carpano Punt e Mes e pediu aos alunos que criassem um texto publicitário. Uma das alunas, de sete anos, anotou: "Vinho Carpano Punt e Mes. Com gelo, é muito mais gostoso. Venha à sensação do momento. Vinho Carpano Punt e Mes para festas, para chalés, bailes, sambas e festas românticas".

"O texto tinha alguns erros de ortografia, que devem ser corrigidos mais tarde, mas re-

velava uma excepcional capacidade de expressão pela linguagem escrita", diz Meire. "O ensino pela cartilha consagra a repetição; pelo novo método o importante é a criação."

A diferença entre a velha e a nova maneira de escrever fica mais clara quando se analisa o que há por trás das cartilhas", teoriza Maria Inês Nocite, que concluiu recentemente um curso de mestrado em Lin-

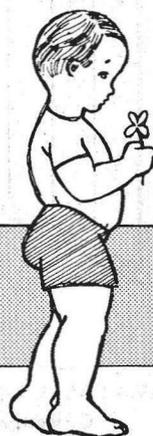
Novo método leva uso cotidiano da língua para dentro das salas de aula

güística na Universidade Sorbonne, em Paris. "A cartilha é escrita a partir do pressuposto falso de que a criança não tem nenhuma experiência com a linguagem escrita", argumenta Maria Inês.

Emília Ferreiro assegura que a sala de aula deve ser um "ambiente alfabetizador". Isso significa levar para dentro da escola o universo lingüístico que a criança encontra na rua ou em casa, locais com infinitas mensagens escritas (placas, outdoors, jornais,

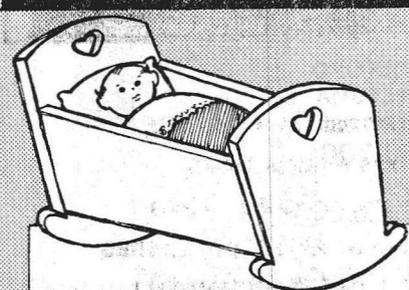
revistas, livros, painéis, etc). "A linguagem escrita só faz sentido quando fica bem claro seu uso social", afirma Telma Weiz. A pedagogia de Emília Ferreiro — que tem o pomposo nome de "construtivista" — se fundamenta na teoria de que a criança experimenta hipóteses até chegar ao padrão culto da língua.

"Assim como na aprendizagem da fala, a criança arrisca o registro gráfico de palavras para se comunicar", afirma Meire, da Cenp. "O professor deve estimular essas tentativas, mostrando sempre as formas corretas." A existência de novas fórmulas não garante que, daqui para frente, a alfabetização produzirá alunos que queiram aprender a gramática para melhorar seu relacionamento com a escrita. Uma pesquisa da professora Sammy Silva Rosa, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) paulista, mostra que em algumas escolas onde a nova filosofia de ensino foi adotada a alfabetização fracassou. Com dificuldades em compreender a teoria, algumas professoras impediam, por exemplo, que alunos conversassem em classe para trocar experiências — justamente a principal característica da proposta de Emília Ferreiro.



O caminho da linguagem

As crianças sabem muito mais do que os professores imaginam. Estudos lingüísticos recentes mostram que os meninos e as meninas entram na escola com o domínio oral médio de 2.500 palavras e com a capacidade de fazer relações gramaticais de coordenação e subordinação. Também têm noções da escrita. Estas são as etapas do desenvolvimento da linguagem.

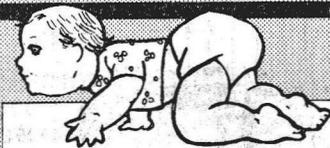


Um a dois meses

Início do processo de comunicação. Os bebês discriminam sons — reconhecem, por exemplo, a voz da mãe. O sorriso e o choro são suas primeiras formas de expressão.

Dois a nove meses

Os bebês pronunciam acidentalmente algumas vogais. Ainda nesta fase, tentam imitar o que os adultos falam.



Nove meses a dois anos e meio

A etapa decisiva no domínio da linguagem. Adquirindo a capacidade de produzir sons diferentes, os bebês articulam as primeiras palavras e criam um sistema rudimentar de comunicação. Sua interação com o mundo acontece por palavras-frase, isto é, com um único vocábulo dizem o que querem. Por exemplo, água (ou simplesmente â) pronunciada com entonação forte significa que a criança quer beber água. Dita sem muita ênfase, demonstra que ela reconhece o líquido. Este sistema é chamado de gramática-pivô.

A partir de dois anos e meio

Eles ultrapassam a gramática rudimentar, mas ainda não falam como os adultos. São capazes de pronunciar duas palavras por frase. Exemplo: dizem "bebê água" para expressar "eu quero água". Na sua linguagem, ainda não existem pronomes, artigos e advérbios.

Três anos

Já compreendem uma expressão antes de utilizá-la. Começam a usar o que os lingüistas chamam de "palavras gramaticais" — todos os artigos, preposições e alguns pronomes pessoais e possessivos. Também conjugam verbos e fazem coordenação e subordinação de frases. Já são capazes de dizer, por exemplo, "Quero minha comida porque estou com fome".

Quatro anos

Usam os verbos auxiliares. Podem dizer: "Vou passear amanhã".

Cinco anos

Conjugam verbos no subjuntivo. Exemplo: "Se eu ficar quieto, papai me dá um presente".

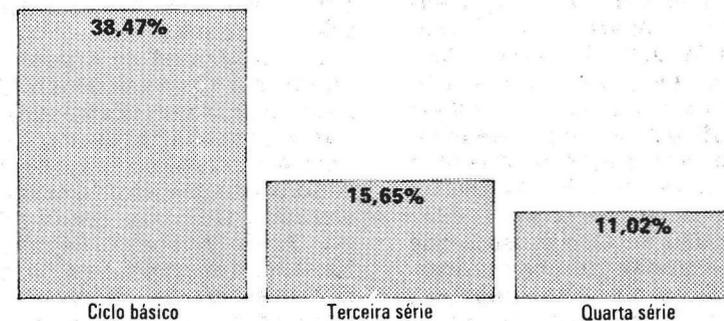
Seis anos

Sua linguagem é muito próxima da do adulto. Já conhecem cerca de 2,5 mil palavras (o adulto conhece oito mil). Têm noções avançadas da escrita e são capazes de arriscar alguns textos — evidentemente com imperfeições. Essas tentativas — dizem os lingüistas — são a "pré-história" pessoal da linguagem escrita. Equivalem aos sons que a criança emite nos primeiros meses de vida. Por isso, devem ser aproveitados na alfabetização.

Alfabetização complicada

De cada cem crianças que entram nas escolas estaduais de São Paulo, apenas a metade termina a fase de alfabetização (ciclo básico) — 50 alunos abandonam os estudos ou são reprovados*

Reprovação



Evasão



(* Dados de 1988)